

/ PALAVRA DO LEITOR

Gastronomia inclusiva

Uma nova cafeteria no Bom Fim em Porto Alegre aposta em um cardápio sem glúten e sem lactose, oferecendo de doces a pratos quentes (Geração E, edição de 25/06/2026). Como celíaca, estou ansiosa para conhecer a Cafeteria Maná. Infelizmente, Porto Alegre ainda tem poucos lugares exclusivos para esse público. (Gabriela Porto Alegre)

**Gastronomia inclusiva II**

Desejo muito sucesso aos empreendedores da Cafeteria Maná. Realmente, é difícil encontrar alimentos sem lactose e sem glúten. Obrigada por este carinho ao consumidor. (Fabiane Sanelave Da Costa Karkuchinski)

Gastronomia inclusiva III

Desejo sucesso aos empreendedores, pois será uma batalha. Este tipo de negócio é muito nichado, mas necessário, pois existe demanda limitada e falta poder de compra. (Renato Monteiro)

Reconstrução

Após um incêndio de grandes proporções ocorrido no mês de maio, a Padaria Petrópolis está em processo de reestruturação (GeraçãoE, 16/06/2026). Um novo tempo vem aí, estamos ansiosos pela inauguração da Padaria Petrópolis, será muito frutífera essa nova fase. (Glaucia Ludtke)

Nome de Travessa

Uma pequena travessa, com cerca de 60 metros, entre o colégio Ernesto Dornelles, na rua Duque de Caxias, no Alto da Bronze, esquina com a rua Vasco Alves, e a praça General Osório - sem qualquer nome - bem que poderia se chamar Travessa Dr. Manoel Pitrez, já falecido há anos. Morador em frente a travessa, na Duque, ele foi médico durante anos de todas as famílias do entorno, sem cobrar nada de ninguém. Moradores antigos ainda citam o trabalho dele pelos vizinhos nas ruas adjacentes à sua moradia. Seria um reconhecimento importante para uma figura que tanto serviu a todos na vizinhança de onde morava. (Renato Balbão, por e-mail)

Copa do Mundo parelha

A Copa do Mundo está mostrando que a diferença do futebol entre os antigos e sempre favoritos, Brasil, Argentina, Uruguai e Alemanha, está desaparecendo. Seleções da África e da Ásia têm dado muito trabalho para serem vencidas, e algumas não têm sido mesmo, pelo contrário, caso do Uruguai que está fora da Copa. Mas, temos a grande surpresa do Paraguai, que venceu a poderosa Alemanha, deixando os alemães fora da Copa 2026. Parabéns aos "hermanos" nossos vizinhos. (Alexandre S. Santana, por e-mail)

Na coluna Palavra do Leitor, os textos devem ter, no máximo, 500 caracteres, podendo ser sintetizados. Os artigos, no máximo, 2300 caracteres, com espaço. É necessário indicar no título do e-mail se é "Artigo" ou "Palavra do Leitor". Os artigos e cartas publicados com assinatura são de responsabilidade dos autores e não traduzem a opinião do jornal. A sua divulgação, dentro da possibilidade do espaço disponível, obedece ao propósito de estimular o debate de interesse da sociedade e o de refletir as diversas tendências.

/ ARTIGOS

Copa do Mundo e o mercado de trabalho

Gilmar Moraes

Nos meses de junho e julho, a Copa do Mundo reúne algumas das principais equipes do planeta, com 48 seleções de diferentes continentes. Mais do que um espetáculo esportivo, a competição desperta a paixão do torcedor. A tradicional troca de figurinhas para o álbum do torneio, por exemplo, tornou-se um verdadeiro elo, aproximando avós, pais e filhos com um mesmo propósito, onde as gerações se sentem mais conectadas entre si.

Dentro do campo de futebol, é comum observar atletas experientes atuando ao lado de jovens talentos. Enquanto os jogadores veteranos contribuem com liderança e vivência em grandes partidas, os mais novos trazem energia, criatividade e uma dinâmica diferente ao jogo. O rendimento da equipe depende justamente da combinação dessas qualidades. Não é de hoje que vemos grandes craques, tal como no Brasil, na Argentina e em Portugal, junto a aspirantes da modalidade.

A lógica assemelha-se ao mercado de trabalho. Cada vez mais empresas reúnem profissionais de diferentes faixas etárias, promovendo a troca entre aqueles que acumulam anos de atuação e os que chegam com novas perspectivas. O resultado é a construção de equipes mais preparadas para enfrentar desafios complexos. Assim

como nos esportes, o mundo corporativo moderno já entendeu que nada é realizado sozinho, o sucesso depende da colaboração mútua.

Nas salas de aula, essa dinâmica mantém o mesmo fôlego. Professores atuam como mediadores do conhecimento, conectando saberes reunidos ao longo dos anos com as habilidades dos estudantes. Da mesma forma acontece o movimento contrário, quando educadores têm o prazer de aprender com os alunos, em conteúdos que vão além do tradicional e ampliam sua visão de vida. A educação com "via de mão dupla". Consequentemente, o respeito também faz parte da integração, e nada melhor do que a Copa do Mundo, com milhares de nacionalidades, etnias e línguas juntas em um mesmo espaço para ilustrar.

Seja no calor de um estádio lotado, na rotina de uma grande empresa ou no dia a dia de uma escola, a evolução entre gerações permanece a mesma.

Docente do Senac Comunidade

Professores atuam como mediadores do conhecimento, conectando saberes

As rupturas começam nas fissuras

Daniela Russowsky Raad

Todos os anos, o calendário judaico marca o início de um período de três semanas dedicado à reflexão sobre perdas, reconstrução e responsabilidade coletiva. Esse ciclo começa no 17 de Tamuz, data que recorda o rompimento das muralhas de Jerusalém após um cerco. A cidade ainda resistiria por algumas semanas, mas aquela brecha permitiu a invasão que culminaria, em 9 de Av, com a destruição do Segundo Templo pelos romanos.

Que o 17 de Tamuz nos lembre que não podemos esperar as muralhas desabarem

Na tradição judaica, essa data representa mais do que um acontecimento histórico. Ela nos lembra que grandes rupturas quase nunca acontecem de uma só vez. Antes da queda, surgem pequenas fissuras. Quase imperceptíveis, parecem inofensivas, mas, quando ignoradas, tornam-se brechas capazes de comprometer toda uma estrutura.

Essa talvez seja uma das lições mais atuais do 17 de Tamuz.

Na sociedade, a intolerância não nasce de um único episódio. Ela cresce quando discursos de ódio são normalizados, quando a desinformação

substitui o diálogo e quando a indiferença ocupa o lugar da responsabilidade.

Da mesma forma, a vida comunitária é construída diariamente. Na comunidade judaica, o pertencimento vive nas famílias, nas entidades comunitárias e nas tradições que preservamos de geração em geração. Nenhuma comunidade permanece forte por acaso. Ela depende de pessoas comprometidas em cuidar umas das outras, fortalecer suas instituições e transmitir seus valores. São essas muralhas invisíveis que preservam nossa identidade e garantem às próximas gerações um lugar seguro para viver sua história e sua cultura.

Vivemos tempos complexos, em que a intolerância e a banalização do discurso de ódio abrem rachaduras na sociedade. A incapacidade de dialogar e respeitar o diferente nos faz questionar a força das muralhas que nos protegem. Nesses momentos, precisamos voltar nossa atenção ao que nos une: os valores que sustentam uma sociedade livre, plural e democrática.

Que o 17 de Tamuz nos lembre que não podemos esperar as muralhas desabarem para reparar suas fissuras. Ao fortalecê-las, fortalecemos valores que pertencem a toda a sociedade: o respeito às diferenças, à liberdade, à convivência pacífica e à responsabilidade diante da intolerância.

Presidente da Federação Israelita do Rio Grande do Sul (IFRS)